UM OLHAR SOBRE A PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA E TRADICIONALISTA DA ALFABETIZAÇÃO

HERALDO ABRÃO DA PAIXÃO

RESUMO

Ao longo do tempo, o conceito de alfabetização mudou para responder às necessidades da sociedade. Muitos métodos e processos de alfabetização foram criados, modificados e adaptados tentando aperfeiçoar ao máximo o processo de ensino da escrita e leitura. A leitura e a escrita vêm sendo concebidas como aprendizagens escolares, ou seja, é na escola que estas aprendizagens se realizam. Para conduzir todas as crianças ao sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita, a escola se aparelha de uma base metodológica que orienta uma série de estratégias de ensino. Cartilhas são livros didáticos infantis destinados ao período da alfabetização, no qual a criança necessita dominar o mecanismo considerado de base na aprendizagem da leitura escrita. As primeiras cartilhas, até cerca de 1950, davam ênfase à leitura. A principal importância era ensinar o abecedário e a leitura era feita através de exercícios de decifração e identificação de palavras, por meios dos quais, os alunos aprendiam a relacionar letra e som, seguindo a ortografia da época. Havia um cuidado com a fala e com a pronúncia e também, exigia-se do aluno cópia de textos, baseado em autores famosos da literatura.

Palavra – Chave: Alfabetização, Construtivismo, Método Tradicional.

INTRODUÇÃO

As diversas teorias que explicam as origens da humanidade mostram vários caminhos pelos quais o homem chegou a elabora sua capacidade de comunicação verbal, chegando, aos poucos, às formas diferenciadas de comunicação escrita.

A escolha pelo tema se deu devido às práticas de abordagem de alfabetização adotada pelo professor, dos quais pode resultar tanto positivamente quanto negativamente nos alunos.

Esta pesquisa pretende confrontar a abordagem tradicional com a construtivista com base em fundamentos teóricos. Desta forma procurei me aprofundar em ambos para poder discutir o tema com clareza.

Quando as crianças são alfabetizadas no tradicional o conhecimento é repassado de forma mecânica e repetitiva, sem significado, pois, o indivíduo lê codificando, ou seja, reunindo códigos, o que torna a leitura demorada, portanto, sem compreensão.

Muitas crianças decoram o alfabeto, mas não conseguem escrever palavras, não há questionamento por parte do aluno. As crianças são muito cobradas e muitas vezes se sentem desmotivadas. Já a abordagem construtivista estimula a descoberta do conhecimento pelo aluno. Evita afogá-lo com informações prontas e acabadas, mas quando necessário, não hesita em valer-se da memorização.

Neste caso, a professora deve escolher o momento oportuno e criar situações interessantes para transmitir esse conhecimento, fugindo assim da rigidez da prática tradicional. Diferente das posições tradicionais, o indivíduo é:

Um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca e não um sujeito que espera que alguém que possui conhecimento o transmita. (FERREIRO apud ROSA, 2002, p.12).

A partir das pesquisas e estudos realizados, por Ferreiro, entre outros, a alfabetização ganha um novo sentido passando a ser considerada. O professor, que até então era considerado um transmissor de conhecimento, passa a ser visto como um provocador e pesquisador.

Alfabetizar é, portanto, iniciar o aluno no conhecimento da leitura e escrita, e dar materiais para que ele possa entender como o conhecimento dessa escrita acontece, levando em considerações as diferenças individuais de cada criança. Na perspectiva da comunicação escrita, na qual esta pesquisa se insere, as teorias e as práticas que envolvem uma determinada área do saber são vistas como construídas pelos métodos circulantes de uma dada época.

Assim, pretende-se neste texto problematizar os vários entendimentos sobre os métodos de alfabetização que surgiram como construções metodológicas nestas últimas décadas na área da educação, discutindo como eles foram se estabelecendo como verdades ao longo dos anos, desconstruindo, assim, alguns mitos e estabelecendo novos olhares sobre o tema.

Os discursos presentes nesse período englobam métodos ditos “tradicionais” e “construtivistas” de ensino. De um lado, estão os “tradicionais”, isto é, todos aqueles que centraram, ou centram, sua atenção no processo de ensino, e, por outro lado, os “construtivistas” seriam aqueles preocupados com o processo de aprendizagem.

Serão discutidos aqui os discursos do Construtivismo e tradicional, buscando desdobrá-los em outras possibilidades, bem

como discutir a forma como acontecem suas materializações em práticas escolares.

A contribuição da cultura social, numa perspectiva pós-estruturalista, seria a de analisar a produtividade destas redes discursivas e de como elas próprias estão constituindo estas diferentes práticas e realidades, destacando o seu caráter nãofixo e não-essencialista, já que, foram formadas e constituídas a partir de processos culturais dinâmicos, que se mesclam e se misturam, não possuindo, assim, traços fixos. Nesse sentido, a proliferação de tais discursos como "mais verdadeiros" ou "menos verdadeiros" está diretamente relacionada com a possibilidade da existência de disputas em busca de legitimidade.

A partir da consideração de que o surgimento de um discurso não exclui a possibilidade de veiculação dos anteriores, esses buscam firmar-se como sendo "o mais apropriado" ou "o mais científico" para o aprendizado da leitura e da escrita.

Considera-se também o fato de haver um constante aparecimento de novas pesquisas na área da alfabetização, e assim uma permanente divulgação de novos discursos, que apesar de buscarem a sua afirmação, não estão silenciando os já existentes, levando à situação de que se podem encontrar muitos deles circulando na mesma escola, em escolas distintas e até mesmo na mesma sala de aula.

Consciente de que todas essas mudanças no significado de uma mesma palavra, e de que todas as mudanças no significado deste mesmo conceito acompanharam as transformações culturais e descobertas científicas destes últimos anos, é que seria possível afirmar que, ao se falar sobre uma variação de propostas de alfabetização, se está falando de uma variação de discursos sobre alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Segundo o dicionário Houaiss (2009), entre as acepções de "alfabetização", estão: ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras; iniciação no uso do sistema ortográfico; processo de aquisição dos códigos alfabético e numérico; letramento; e ato de propagar o ensino ou difusão das primeiras letras.

Sabemos que o processo de alfabetização é de extrema importância, pois é a partir dele que pessoas aprendem a ler e a escrever. Na atualidade, os educadores se utilizam de várias estratégias de ensino e aprendizagem, desde os conhecidos como tradicionais até a teoria construtivista.

Então, surgem dúvidas com relação às estratégias mais indicadas para se alfabetizar e formar alunos capazes de refletir, construir conhecimento, ser participante ativo e crítico na sociedade. Os métodos de alfabetização surgiram com a necessidade de saber como se dá o processo de aprendizagem de leitura e escrita pela criança a ser alfabetizada.

Em relação aos métodos de alfabetização, Mortatti (2006, p. 2) afirma que as disputas pela hegemonia de determinados métodos de alfabetização, durante os vários momentos da educação no Brasil, tiveram como principal destaque as cartilhas como instrumento de concretização dos métodos e conteúdo de ensino.

No início da década de 1980, nos afirma ainda Mortatti (2000, p. 256), introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreira e colaboradores. Essa mudança provocou discussões a respeito dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança, o abandono das teorias e das práticas tradicionais e o questionamento das cartilhas. Em relação a essas mudanças, desencadeou-se uma desencadeou-se uma disputa entre os adeptos do Construtivismo e os defensores dos métodos tradicionais.

HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

No final do século XIX, com a proclamação da República, a educação ganha destaque no Brasil. A escola consolida-se como lugar necessariamente institucionalizado para o preparo das novas gerações.

Saber ler e escrever se tornou um instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social.

A leitura e a escrita eram até então práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mais ainda precária, nas poucas "escolas" do Império ("aulas régias").

As práticas de leitura e escrita caracterizavam-se como tecnicamente ensináveis e passaram a ser submetidas ao ensino organizado, sistêmico e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados.

No início da alfabetização, por volta de 1876, o material era precário, o ensino da leitura se iniciava com as chamadas Cartas de ABC, baseando-se nos métodos de marcha sintética.

Os métodos sintéticos de alfabetiza-

ção são aqueles que analisam pequenas partes da palavra, estudando suas partes, como a letra, posteriormente a sílaba, até chegar à palavra (MORTATTI, 2000, p. 67).

Para o ensino da leitura, utilizavam-se métodos de marcha sintética da "parte" para o "todo"; da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico; partindo dos sons correspondentes às letras; e da silabação, emissão de sons, partindo das sílabas.

A partir desse momento, inicia-se a história das cartilhas e dos métodos. Quanto à escrita, ela se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditado e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras.

A partir de 1890, implementou-se a reforma da instrução pública no estado de São Paulo. A partir dessa década, professores paulistas passaram a defender programaticamente o método analítico e disseminaram-no para outros estados brasileiros, por meio de "missões de professores" paulistas, mediante ocupação de cargos na administração da instrução pública e produção de instruções normativas, de cartilhas e de artigos em jornais e em revistas pedagógicas.

O método analítico foi adotado oficialmente quando a Reforma Sampaio Dória, Lei n.1750 de 1920 (MORTATTI, 2006), garante "autonomia didática" aos professores. Tornando obrigatório o método analítico para se alfabetizar, o governo do estado passa a comprar livros didáticos para a distribuição nas escolas públicas.

Diferentemente dos métodos de marcha sintética até então utilizados, o método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção – de caráter biopsicofisiológico – da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética (MORTATTI, 2006, p. 7)

O método baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras.

De acordo com o método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo "todo", para depois se proceder a análise de suas partes constitutivas; toma como unidade de análise a palavra, a frase e o texto.

Com a "autonomia didática" proposta pela Reforma Sampaio Dória e com novas urgências políticas e sociais, no começo da década de 1920, aumentaram as resistências dos professores quanto à utilização do método analítico e começaram a buscar novas propostas de solução para os problemas do ensino e aprendizagem iniciais da leitura e da escrita.

A partir dos anos de 1930, as cartilhas passaram a se basear nos métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético e vice-versa) e começaram a ser produzidos os manuais do professor, acompanhando as cartilhas, assim como se disseminou a ideia e a prática do "período preparatório".

Segundo Cagliari (1998, p. 28), existiria:

[...] um período que precedesse a alfabetização, chamado período preparatório, do qual as crianças saíam treinadas nas habilidades básicas até ficarem "prontas" para se alfabetizarem. Sem "prontidão" não se podia realizar um processo de alfabetização eficiente. [...] fazer curvinhas, completar figuras, dizer se uma caixa de sapato é maior ou menor que uma caixa de fósforos, localizar o gatinho e a esquerda da menina numa figura em que ela aparece de frente e de costas, fazer o coelhinho ir da esquerda para uma linha curva até chegar a toca etc.

Os métodos mistos ou ecléticos buscam conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e da escrita.

CONSTRUTIVISMO E MUDANÇA

Quando houve a mudança do método tradicional para construtivismo todos os educadores sentiram insegurança, ou seja, é como a chegada de um bebê, tudo tem que ser mudado para adequar o lugar para o novo morador, mesmo a convivência com o irmão.

Rosa (2007 p.27), citado conforme nos diz: Huberman (1973:18), em estudo sobre mudança em educação, mudar "é a ruptura do hábito e da rotina, a obrigação de pensar de forma nova em coisas familiares e a de tornar a pôr em causas antigos postulados".

Entretanto, há educadores que afirmam que houve uma perca, no comportamento das crianças, onde antes elas eram obedientes e não questionavam.

De acordo com Rosa, a lembrança de uma escola pública de vinte, trinta anos atrás, em contraste com a realidade atual, dificilmente escapa de uma visão idealizada: "aquilo, sim é que era escola!". (Rosa, 2007, p.35).

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Método fônico: começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois se ensina as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode

formar sílaba e palavras. Para o ensino dos sons, há uma seqüência que deve ser respeitada, segundo a escolha de sons mais fáceis.

Método Sintético: são os que partem de unidades pequenas, como as letras, os sons ou as sílabas e caminham em direção a unidades maiores e mais significativas, como as palavras, frases e textos.

Método Fônico: o som é o ponto de partida para o ensino da leitura. Inicialmente, ensina-se o som de cada consoante. Por exemplo: bbb, sss, mmm, ma. E só em seguida é que se passa ao ensino de palavras e orações. Método Analítico: o objetivo desse método é preparar o aluno para uma leitura fluente e compreensiva. Eles partem sempre do todo, de uma estrutura global, encaminham-se para a parte, para o particular.

No método tradicional, se ensinava à criança somente para ela ter o conhecimento, hoje elas querem aprender e tiram todas as dúvidas. Portanto demonstraremos alguns exemplos de cartilhas usadas no decorrer de algumas décadas:

Em 1950 lançou a Cartilha: Caminho Suave, em anexos, que vendeu cerca de um milhão de exemplares, Branca Alves de Lima acreditava que unindo as palavras com as figuras correspondentes ajudava as crianças, associar melhor e memorizar pelas figuras.

Em 1981 a cartilha a pipoca é reformulada em 1992, começa a dividir as palavras por silabas, deixando as cartilhas tradicionais de lado. O livro consegue animar as imaginações, como com as brincadeiras, canções, receitas e a exploração de novo vocabulário.

O autor, Paulo Nunes diz: que a criança estudando as palavras inteiras ela se familiariza com todas as letras.

Isabel Brunsizian diz: que a criança só deve lidar com sílabas de palavras já conhecidas. Em 1984, a cartilha Letra Viva é uma das que trazem textos longos para ser lido pelos professores. Não se deixa os exercícios de lado, nem de formar sílabas porque aí sim é que as crianças começam a formar ideias sobre a escrita.

Professoras como, Maria Regina Giesen e Vanda Garcia em 1993, identificam várias formas de escrita como as dos homens das cavernas, todas as letras são ensinadas para as crianças ao mesmo tempo.

As crianças conseguem montar palavras, só depois que adquiri uma visão global. A Novo Caminho em 1995, acreditava que a criança tem que formar palavras através de sílabas em quadrados, como tabelas e jogos, para ficar uma atividade interessante.

ALFABETIZAÇÃO COM AS CARTILHAS TRADICIONAIS

As crianças começam a aprender com as vogais, depois vão formando sílabas e a partir das sílabas montam-se palavras. O aluno forma texto pequeno com as famílias silábicas que já conhece, o professor passa atividades de cópias e ditados para memorizar as palavras.

A letra cursiva e desenvolvida pelo aluno desde o começo da alfabetização. No método tradicional, o professor sempre se utiliza a cartilha, seguindo passa a passo é raro quando o mesmo usa outros materiais como livros de história, jornais, recortes revistas e canções.

O professor prepara a aula onde o aluno memoriza as palavras, e assim é desenvolvida uma avaliação com ditados, leitura oral e análise estética da letra cursiva.

PRINCÍPIOS DO CONSTRUTIVISMO

Uma instituição de ensino construtivista tem as ideias difundidas pelo construtivismo em sua base teórica. E, conforme enfatizado e defendido pelo seu principal expoente, Jean Piaget, o processo educativo é um acontecimento que se dá a partir de etapas distintas.

Desta forma, a partir de estímulos promovidos pelos educadores, o aprendizado encontra terreno fértil para ser construído pelo aluno. A partir desta abordagem, o estudante possui um papel ativo - já que a produção de conhecimento acontece a partir dele e, por isso, exige maior participação do mesmo neste processo.

Ao observar o modelo tradicional de ensino, identificamos uma metodologia na qual a relação entre o educador e o aluno é vertical. O professor é a figura que detém todo o conhecimento e o estudante tem o papel de assimilar o que é transmitido por ele sem questionamentos.

De forma contrária, o construtivismo promove uma relação menos determinista entre o professor e o aluno. O educador ocupa o papel de mediador do aprendizado e a criança pode - e deve - formular questões e se expressar ao longo de todo o processo educativo, em uma relação mais próxima da horizontalidade.

Entre os mais importantes princípios da metodologia construtivista estão:

• Entender o aluno como centro do processo de aprendizagem;

• Diferente das metodologias tradicionais, o ensino é percebido e realizado como um processo dinâmico;

• Durante o processo de aprendizagem, os níveis de desenvolvimento, conhecimento e amadurecimento de cada estudante devem ser considerados;

• O papel do professor vai muito além do mero transmissor de informações, ele cumpre o papel de facilitador e orienta o processo de aprendizagem;

• Na metodologia de ensino construtivista a experiência de vida e os conhecimentos, anteriormente adquiridos pelo aluno, são de fundamental importância;

• O conhecimento não é entendido como uma versão exata da realidade e sim como uma reconstrução do aluno;

• O educador coloca o aluno diante de situações que o direciona para a busca por soluções e, desta forma, para a construção do seu próprio conhecimento.

ALFABETIZAÇÃO COM AS CARTILHAS CONSTRUTIVISTAS

De forma objetiva, o construtivismo diz respeito a metodologia de ensino baseada na obra do psicólogo suíço Jean Piaget. Ele propôs que o conhecimento é adquirido através da interação do indivíduo com o ambiente em que vive.

O construtivismo como método de ensino entende que o aluno deve ter centralidade no processo de aprendizagem. Assim, deve ser estimulado a conquistar a sua independência, resolver problemas, elaborar hipóteses e levantar questões.

Desta forma, os alunos são impulsionados a interagir uns com os outros e são incentivados a terem as suas próprias experiências. As avaliações, de maneira geral, são diagnósticas. Ou seja, elas servem para que os professores sejam capazes de entender melhor os desafios e desenvolvam ações com o objetivo de melhorar o aproveitamento dos alunos nas diversas disciplinas.

O construtivismo já é uma das principais propostas pedagógicas da educação básica e, por este motivo, muitos pais e responsáveis pela educação de crianças buscam entender melhor sobre quais são os princípios construtivistas. Se este é o seu caso, continue a leitura e confira os detalhes a seguir!

Os alunos começam com textos de seus interesses é desenvolvido o entendimento do texto e não a memorização. No inicio o aluno escreve do seu jeito, até conseguir chegar à forma convencional da escrita.

O professor no começo ensina com a letra bastão, o educador desenvolve aulas com revistas, jornais, recortes e outros materiais. O professor ajuda a criança a desenvolver suas escritas espontâneas, avalia-se a sala de acordo com os níveis de aprendizagem.

Espera-se que o aluno tenha liberdade para desenhar, criar histórias e tirar suas duvidas quando ele acha necessário. Esta proposta exige uma boa qualificação do professor. Existe muito mal entendido no que se refere à prática construtivista.

Na década de 80, o construtivismo passou a ser estudado, feito alguns debates, tanto do ponto de vista estrutural como também pedagógico. Muitos professores têm o construtivismo como método, mas na verdade não é método até mesmo pelo sentido de encontrar um jeito milagroso para desperta os interesses dos alunos.

Os educadores têm que entender, que não existe formula pronta o tão sonhado guia. Muitos professores acham que não é possível desenvolver a teoria construtivista por motivo de salas cheias, mas isso é um problema político.

Muitos ou poucos alunos passam, necessariamente pelo mesmo processo de aprendizagem, independentemente da abordagem metodológica utilizado pelo professor. (Rosa, 2007, p.52). Porém, ainda alguns professores acham que o construtivismo, não pode dizer para a criança que está errada, mas pode ser feita a intervenção.

O professor tem que levantar proposta desafiadora para os alunos. Nos exemplos citados algumas professoras falam que “a teoria é boa, mas não funciona na pratica”. Segundo o método da Emilia Ferreiro, a gente só deve começar a sistematização quando a criança se encontra na hipótese alfabética.

O que eu tenho notado que é incrível, é que quando a criança já está sendo considerada” pronta “ela normalmente já está alfabetizada. Sozinha! Sem que você tenha que ensinar!”

O educador no método tradicional muitas vezes fazia com que o aluno se passa vergonha, quando estava atrasado com as lições, falava para que o outro aluno ouvisse e com isso a criança desmotivada acabava não fazendo nada mesmo.

Elogiar um aluno ajuda na alta estima e mesmo que a criança não está conseguindo, cada vez mais ele vai se esforça. O professor não precisa deixar de ter autoridade e sim saber falar com seus alunos, por exemplo, se a sala está cheia de papeis no chão e só avisar para as crianças e falar que a sala suja a deixa triste e assim as crianças vão fazer sem precisar gritar.

O professor tem que usar dos seus conhecimentos para dar um jeitinho para pedir as coisas, como se tivesse fazendo um desafio, será que vocês conseguem deixar a

sala limpa, com isso às crianças percebem que ela não está colocando uma obrigação e elas fazem.

Muitas vezes o professor passa um ditado e quando vai passar para dar uma olhada e pergunta para o aluno o que está escrito aqui, e a criança não consegue responder ela fala: se você não sabe o que escreveu, eu é que não vou saber.

Algumas professoras no começo deixaram a cartilha de lado e até agrupou os alunos, mas pedia para elas não conversarem, como a criança ia trocar os conhecimentos com a sua dupla se a professora não queria muita conversa. Muitos foram os esforços dos professores, alguns pelo seu lado mais severo, outros por fato de se mais calmo.

Cabe ao professor tentar mudar as velhas crenças e trocar o autoritarismo por humildade.

VANTAGENS DA METODOLOGIA CONSTRUTIVISTA

As instituições de ensino construtivistas são, a cada dia, mais reconhecidas pelo seu significativo poder de contribuição sobre o processo educativo de crianças e adolescentes.

Por defender o papel ativo do indivíduo na criação e modificação de suas representações e estimular o desenvolvimento do senso crítico, são relevantes características do ensino construtivista,

Conforme dissemos anteriormente, a metodologia construtivista de ensino entende o professor como um mediador e motivador das interações entre os alunos e o meio.

O educador precisa buscar e criar situações capazes de estimular a construção do aprendizado por parte do aluno - já que o construtivismo entende que cada indivíduo possui o seu próprio processo de aquisição de conhecimento e, por isso, é preciso propor vários meios para que determinado conteúdo possa ser aprendido.

Um ambiente escolar capaz de estimular o desenvolvimento A metodologia de ensino construtivista demanda um ambiente educacional capaz de estimular o desenvolvimento intelectual, social e criativo das crianças e adolescentes.

O construtivismo entende que a interação com o meio é fundamental para o processo de aprendizagem, por isso, nesta linha educacional, o ambiente é um elemento que contribui para a percepção das formas e para a cognição dos alunos.

É importante ressaltar que na metodologia construtivista existe uma maior interação com diferentes ambientes e, inclusive, com outras turmas ou grupos sociais.

A avaliação contínua sobre como o conhecimento é construído Apesar de encontrarmos instituições de ensino construtivistas que aplicam provas a fim de se aproximarem do modelo de ensino tradicional que predomina no sistema educacional brasileiro, prioritariamente, as avaliações não acontecem por meio deste tipo de teste. Ou seja, as avaliações consideram e analisam como o conhecimento vem sendo construído de forma contínua em sala de aula ou a partir de demais formatos e atividades propostas.

Estas formas de avaliação fazem parte das características inovadoras do método construtivista. Como dissemos anteriormente, tendo em vista que os educadores acompanham a aprendizagem dos alunos continuamente, a aplicação de testes não é necessária - como acontece em outros métodos de ensino tradicionais.

O ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO ATIVA E AO DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO

A metodologia construtivista entende que a principal função da sala de aula é estimular o aprendizado dos estudantes e incentivar a participação ativa dos mesmos - seja por meio de intervenções ou exposição de suas respectivas opiniões sobre determinado tema.

Um dos principais objetivos da metodologia construtivista é impulsionar o desenvolvimento do senso crítico, a busca por respostas e a autonomia do indivíduo.

Assim, a aprendizagem deixa de ocorrer apenas nos limites do ambiente escolar e passa a ocupar todos os lugares - e também se mantém presente ao longo de toda a vida do sujeito.

De forma resumida, a instituição de ensino construtivista tem o papel de inserir o aluno no contexto social e os conteúdos trabalhados partem de conhecimentos e valores já trazidos com o estudante a partir de suas vivências anteriores. Além disso, os métodos ensinam por meio de experiências e pesquisas que facilitam o processo de aprendizagem em grupo e estimulam o desenvolvimento do senso crítico.

Deste modo, o educador é um mediador que facilita o progresso autônomo do indivíduo, onde a aprendizagem é baseada na motivação e não se atém em formalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base para efetuar esta pesquisa o método tradicional e o construtivismo, conclui-se que; a alfabetização como leitura de mundo, extrapola a aquisi-

ção de um código, para envolver as diferentes modalidades de intercambio com o meio ambiente.

Explora-se o grafismo como forma de expressão para incluir as diferentes modalidades de significação desenvolvida pela espécie humana. Quem aprende deve ser respeitado como sujeito do processo, os aspectos afetivos são tão importantes quanto o aspecto cognitivo.

Da mesma forma, deve ser respeitado o saber da experiência dos professores para que ocorra a integração entre teoria e pratica. Em outras palavras, a questão dos métodos é tão importante (mas não a única, nem a mais importante) quanto às muitas outras envolvidas nesse processo multifacetado, que vem apresentando como seu maior desafio a busca de soluções para as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e escrever e de nossos professores em ensiná-las.

E qualquer discussão sobre métodos de alfabetização que se queira rigorosa e responsável, portanto, não pode desconsiderar o fato de que um método de ensino é apenas um dos aspectos de uma teoria educacional relacionada com uma teoria do conhecimento e com um projeto político e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO Emília. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 2001.

MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Brasília: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

Revista Nova Escola: ed.out. /1996; p.8 a 15.

ZUNINO Délia Lerner de. A Matemática na Escola: Aqui e Agora. São Paulo: Artmed, 1995.